

Propriedades de monotonia em construções comparativas

Rui Marques

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

1. Introdução

Uma questão que a semântica de construções comparativas coloca diz respeito aos tipos de monotonia que se observam nestas construções. Este tema tem sido largamente debatido na literatura, mas os diferentes autores que se pronunciam sobre o mesmo não são unânimes. De facto, se bem que existam defensores da hipótese de que as construções comparativas são um contexto de monotonia decrescente, há também quem defenda que são contextos de monotonia crescente e há, ainda, quem defenda que algumas construções comparativas são contextos de monotonia decrescente, outras são contextos de monotonia crescente e outras não estão associadas a propriedades de monotonia. Face a esta divergência de opiniões, justifica-se tentar fixar os dados relativos a esta questão. É o que se tentará fazer na primeira parte deste texto. Na segunda parte, avaliar-se-á a capacidade de as principais análises semânticas disponíveis na literatura descreverem os dados de monotonia em construções comparativas. Como se tentará mostrar, as análises tradicionais levam a previsões que não são confirmadas pelos dados, mas estes são facilmente explicados se for assumida a hipótese de que o significado destas construções envolve a computação de um operador de negação em posição pré-verbal.

2. Exposição de conceitos

Antes de passar à discussão dos tipos de monotonia em construções comparativas, importa precisar alguns conceitos que serão usados.

No que respeita ao conceito de "monotonia", lembrarei que se pode verificar que uma função é monótona decrescente se permitir fazer inferências de conjuntos para subconjuntos e que é monótona crescente se permitir fazer inferências de conjuntos para superconjuntos. Por exemplo, o adjectivo *fácil* é monótono crescente porque são válidas inferências como (1), e o adjectivo *difícil* é monótono decrescente porque são válidas inferências como (2) (cf., por exemplo, Kennedy (1997)):

- (1) a. É fácil encontrar mão-de-obra barata.
 → b. É fácil encontrar mão-de-obra.
 (2) a. É difícil encontrar mão-de-obra.
 → b. É difícil encontrar mão-de-obra barata.

Assim, o complemento do adjectivo *fácil* ocorre num contexto de monotonia crescente e o do adjectivo *difícil* ocorre num contexto de monotonia decrescente.

Quanto ao conceito de “construção comparativa”, é usado para designar construções como (3a) ou (3b), que expressam uma ordenação de graus ou quantidades:

- (3) a. O Paulo é mais alto do que a Ana.
 b. O livro tinha mais páginas do que ela pensava.

Assumirei que o seu núcleo destas construções é um morfema como *mais* ou *menos*, a que chamarei “operador comparativo”, que este operador tem como complemento a sequência *o que X* – normalmente designada por “*than*-clause”, na literatura sobre o inglês – e que esta sequência é um constituinte de grau relativizado, como proposto por Donati (1997), entre vários outros autores. Assim, a frase (3a), por exemplo, corresponde, *grosso modo*, a (4), sendo parafraseável por (5a) ou (5b):

- (4) O Paulo é mais alto do que_i a Ana é g_i -alta.
 (5) a. O Paulo é mais alto do que o grau g , tal que a Ana é g -alta.
 b. O grau de altura do Paulo é superior ao grau de altura da Ana.

É sobre os tipos de monotonia que se podem observar no constituinte de grau relativizado que centrarei a atenção.

3. Descrição dos dados

Vários autores (Hoeksema, 1983, Lerner e Pinkal, 1992, von Stechow, 1984, entre outros) assumem que o constituinte de grau relativizado é um contexto de monotonia decrescente, hipótese que parece confirmar-se quando se observa a validade de inferências como (6), adaptada de exemplos que Hoeksema (1983) apresenta:

- (6) a. O filme foi mais interessante do que a Ana pensava ou o Paulo pensava.
 → b. O filme foi mais interessante do que a Ana pensava.

Além da validade de inferências como esta, outro argumento que é apresentado na literatura para justificar que o constituinte de grau relativizado seja um contexto de monotonia decrescente é o facto de, em línguas como o inglês ou o neerlandês, poderem ocorrer neste constituinte itens de polaridade negativa, mas não itens de polaridade positiva, como mostram os exemplos (7)-(9), onde estão sublinhados os itens de polaridade negativa ou positiva:

- (7) John is richer than Bill will ever be. (Lerner e Pinkal, 1992: 331)

- (8) Het feest duurde langer dan ook maar iemand
A festa durou mais do-que de-todo alguém
 verwacht had.
esperado tinha (Hocksema, 1983: 407)
 'A festa durou mais (tempo) do que alguém tinha esperado'
- (9) *He has got less support than you already have. (v. Stechow, 1984a: 26)

Como os autores citados referem, assumindo a hipótese de Ladusaw (1979) de que os itens de polaridade negativa são legitimados em contextos de monotonia decrescente, o facto de serem gramaticais construções como (7) ou (8), com itens de polaridade negativa, mas não o serem construções como (9), com itens de polaridade positiva, constituirá evidência de que o constituinte de grau relativizado é um contexto de monotonia decrescente.

No entanto, nem todos os autores concordam que este constituinte seja sempre um contexto de monotonia decrescente. De facto, Schwarschild e Wilkinson (2002) defendem que, contrariamente ao que tem sido assumido, o constituinte de grau relativizado é um contexto de monotonia crescente e há autores que defendem que nem todas as construções comparativas têm as mesmas propriedades de monotonia.

Quanto a Schwarschild e Wilkinson (2002), baseiam a sua proposta, de que o constituinte de grau relativizado é um contexto de monotonia crescente na seguinte observação:

«if the comparative were in fact downward entailing, then given the entailment patterns in (9), we would expect the entailments in (10) to go through:

- (9) a. Exactly 7 of my relatives are rich. → At least 4 of my relatives are rich.
 b. Given that there are elephants in this room: Almost every elephant in this room is heavy. → Some elephant in this room is heavy.
 c. Most of the high tech stocks were overvalued. → At least 2% of the high tech stocks were overvalued.
- (10) a. #John is richer than at least 4 of my relatives were.
 → John is richer than exactly 7 of my relatives were.
 b. #My car is heavier than some elephant in this room is.
 → My car is heavier than almost every elephant in this room is.
 c. #Nissan is currently more overvalued than at least 2% of the high tech stocks were.
 → Nissan is currently more overvalued than most of the high tech stocks were.

In fact, as indicated, these entailments are not intuitively valid. By comparison, observe that the entailment patterns (9) are reversed when those clauses are embedded in bona fide downward entailing contexts:

- (11) a. It isn't true that at least 4 of my relatives are rich.
 → It isn't true that exactly 7 of my relatives are rich.

- b. It is impossible that some elephant in this room is drunk.
 → It is impossible that almost every elephant in this room is drunk.
- c. He never admitted that at least 2% of the tech stocks were overvalued.
 → He never admitted that most of the tech stocks were overvalued.

[...] we can make an even stronger point. Reversing the arrows in (10) leads to entailments that are intuitively correct. This means that the clause embedded under comparative *than* is in fact an upward entailing context!» (Schwarschild e Wilkinson, 2002: 5-7)

Quanto a autores como Hendriks (1995) ou Smessaert (1996), defendem que o constituinte de grau relativizado é um contexto de monotonia decrescente em comparativas de superioridade, um contexto de monotonia crescente em comparativas de inferioridade e um contexto não monótono em comparativas de igualdade. Esta proposta é baseada na observação de inferências equivalentes às que são dadas de seguida:

- (10) a. Vieram à festa mais professores do que (vieram) estudantes.
 → b. Vieram à festa mais professores do que estudantes de física.
- (11) a. Vieram à festa menos professores do que estudantes de física.
 → b. Vieram à festa menos professores do que estudantes.
- (12) a. Vieram à festa tantos professores como estudantes.
 ↗→ b. Vieram à festa tantos professores como estudantes de física.
 ←↖

O facto de (10a) implicar (10b) mostra que, em comparativas de superioridade, o sujeito da oração relativa de grau ocorre num contexto de monotonia decrescente; o facto de (11a) implicar (11b) mostra que, em comparativas de inferioridade, ocorre num contexto de monotonia crescente; e o facto de (12a) não implicar (12b) nem vice-versa mostra que, em comparativas de igualdade, não ocorre num contexto de monotonia.

Nestes casos, tem-se em conta a posição de sujeito da oração relativa de grau. Dados como os que se seguem mostram que os dados de monotonia relativos à posição de predicado da oração relativa são idênticos:

- (13) a. Ele convidou mais professores do que (convidou) estudantes.
 → b. Ele convidou mais professores do que estudantes de física.
- (14) a. Ele convidou menos professores do que estudantes de física.
 → b. Ele convidou menos professores do que estudantes.
- (15) a. Ele convidou tantos professores como estudantes.
 ↗→ b. Ele convidou tantos professores como estudantes de física.
 ←↖

Nestes casos, a estrutura que é substituída por uma que denota um sub-conjunto ou super-conjunto ocupa uma posição no predicado da oração relativa de grau. Assim, os dados mostram que, em construções comparativas de superioridade, a posição de predicado é um contexto de monotonia decrescente; em comparativas de inferioridade é um contexto de monotonia crescente e em comparativas de igualdade não é um contexto monótono. Ou

seja, o tipo de monotonia que se observa na posição de predicado da oração relativa de grau é o mesmo que se observa na posição de sujeito.

O tipo de construção que Hendriks (1995) e Smessaert (1996) consideram – construções como as que ocorrem em (10)-(15) – são comparativas que se situam no âmbito da quantificação nominal de contagem (cf. Peres (1992)); isto é, envolvem a comparação de cardinais de conjuntos. Por exemplo, em (10), compara-se o cardinal do conjunto de professores que vieram à festa e o cardinal do conjunto de estudantes (de física) que vieram à festa.

Se forem consideradas construções comparativas cuja semântica envolve a consideração de escalas não digitais, como comparativas associadas ao grau dos adjectivos, verifica-se que os dados não são tão lineares.

De facto, neste caso, pode-se observar que a posição de sujeito da oração relativa de grau pode ser um contexto de monotonia crescente ou decrescente, tanto em construções comparativas de inferioridade como de superioridade:

- (16) a. A essa latitude, é mais fácil nevar do que chover.
 → b. A essa latitude, é mais fácil nevar do que chover torrencialmente.
- (17) a. Conduzir nesta estrada é mais perigoso do que conduzir a 180 Km/h na auto-estrada.
 → b. Conduzir nesta estrada é mais perigoso do que conduzir na auto-estrada.
- (18) a. É menos provável que haja um golpe de estado do que haja eleições antecipadas.
 → b. É menos provável que haja um golpe de estado do que haja eleições.
- (19) a. É menos estranho encontrar a Ana em casa do que encontrá-la no escritório.
 → b. É menos estranho encontrar a Ana em casa do que encontrá-la no escritório a trabalhar.

Nestes exemplos, a oração relativa de grau tem sujeito frásico, pelo que a frase (16a), por exemplo, corresponde a (20):

- (20) A essa latitude, é mais fácil nevar do que, chover é g_f -fácil.

Assim, (16) mostra que a posição de sujeito da oração relativa de grau pode ser um contexto de monotonia decrescente em comparativas de superioridade e (17) mostra que pode ser um contexto de monotonia crescente. Do mesmo modo, (18) mostra que, em comparativas de inferioridade, a posição de sujeito da oração relativa de grau pode ser um contexto de monotonia crescente e (19) mostra que pode ser um contexto de monotonia decrescente, também em comparativas de inferioridade.

Quanto ao predicado da oração relativa de grau, a validade das inferências que são dadas em (21) e (22) mostra que o predicado ocorre num contexto de monotonia decrescente, quer em comparativas de superioridade quer em comparativas de inferioridade:

- (21) a. Ele está mais interessado em entrar para a faculdade do que em conseguir emprego.
 → b. Ele está mais interessado em entrar para a faculdade do que em conseguir emprego perto de casa.

- (22) a. Ele está menos interessado em entrar para a faculdade do que em conseguir emprego.
 → b. Ele está menos interessado em entrar para a faculdade do que em conseguir emprego perto de casa.

Deste modo, os dados podem ser sistematizados nos seguintes termos:

- (a) Em construções comparativas no âmbito da quantificação nominal de contagem, o constituinte de grau relativizado é um contexto de monotonia crescente em comparativas de inferioridade, um contexto de monotonia decrescente em comparativas de superioridade e um contexto não monótono em comparativas de igualdade.
 O tipo de monotonia que se observa na posição de sujeito da oração relativa de grau é o mesmo que se observa na posição de predicado.
- (b) Quanto a construções comparativas no âmbito do grau dos adjectivos,
- (i) a posição de sujeito da oração relativa de grau pode ser um contexto de monotonia crescente ou decrescente, tanto em comparativas de superioridade como de inferioridade;
 - (ii) a posição de predicado é um contexto de monotonia decrescente, em comparativas de superioridade e em comparativas de inferioridade.

A questão que se coloca agora é a de saber se estes dados são coerentes com as análises semânticas de construções comparativas disponíveis na literatura.

4. Análise dos dados

Se bem que as construções comparativas no âmbito da quantificação nominal e as construções comparativas no âmbito do grau dos adjectivos sejam estruturas muito próximas, os dados apresentados na secção anterior mostram que, no que respeita a monotonia, os dois sub-tipos de construção não são idênticos. Como tentarei mostrar, as análises semânticas disponíveis na literatura permitem descrever os dados de monotonia relativos ao primeiro destes sub-tipos de construção, mas o mesmo não se pode dizer a respeito de construções comparativas no âmbito do grau dos adjectivos.

4.1. Construções comparativas e quantificadores generalizados

No que respeita a construções comparativas no âmbito da quantificação nominal de contagem¹, como (23), há vários autores que defendem que existem quantificadores comparativos – *mais X do que Y* ou *menos X do que Y*:

- (23) Vieram à festa mais professores do que estudantes.

¹ Nerbonne 1995 apresenta uma análise que permite tratar construções comparativas no âmbito da quantificação nominal massiva de uma forma paralela a construções comparativas no âmbito da quantificação nominal de contagem. Tal como vários outros autores, Nerbonne 1995 assume a existência de quantificadores generalizados comparativos.

Como Smessaert (1996) mostra, tal como se verifica com outros quantificadores generalizados, os quantificadores comparativos poderão denotar uma função monótona decrescente, uma função monótona crescente ou uma função não monótona. Mais concretamente, o quantificador comparativo de superioridade será monótono decrescente, o de inferioridade denotará uma função com a monotonia inversa e o de igualdade denotará uma função não monótona.

Assim, os dados de monotonia relativos a construções comparativas no âmbito da quantificação nominal de contagem podem ser explicados pela hipótese de que há quantificadores comparativos.

No entanto, como Kennedy (1997) salienta, em construções comparativas no âmbito do grau dos adjectivos, não é defensável que existam quantificadores comparativos, uma vez que não teriam a propriedade do conservadorismo, uma propriedade que define os quantificadores naturais. Assim sendo, os dados de monotonia em construções comparativas no âmbito do grau dos adjectivos não serão explicáveis por propriedades de um quantificador comparativo.

4.2. As hipóteses do grau máximo e da quantificação universal sobre graus

No que respeita a construções comparativas no âmbito do grau dos adjectivos, as principais análises semânticas alternativas à de que existe um quantificador comparativo assumem que estas construções são estruturas de quantificação existencial sobre graus e que o constituinte de grau relativizado envolve um operador de maximização, como propõe von Stechow (1984), ou quantificação universal sobre graus, como propõe Cresswell (1976). Ou seja, o significado de (24), por exemplo, será o que é indicado em (25a), de acordo com a hipótese do grau máximo, ou o que é indicado em (25b), de acordo com a hipótese de quantificação universal sobre graus:

- (24) O Paulo é mais alto do que qualquer colega dele.
- (25) a. Existe um grau de altura g , o Paulo é g -alto e g é superior ao grau máximo g' , tal que qualquer colega do Paulo é g' -alto.
 b. Existe um grau de altura g , o Paulo é g -alto e g é superior a todos os graus g' , tais que algum colega do Paulo é g' -alto.

Tanto a hipótese do grau máximo como a de quantificação universal sobre graus levam à previsão de que o constituinte de grau relativizado seja um contexto de monotonia decrescente, quer seja porque corresponde ao restritor de um quantificador universal, que é monótono decrescente à esquerda, quer seja porque ocorre sob o escopo do operador de maximização, que gera um contexto de monotonia decrescente, como von Stechow (1984) mostra.

Assim sendo, estas hipóteses não explicam inferências como as que são dadas em (26) ou (27), que mostram que a posição de sujeito da oração relativa de grau pode ser um contexto de monotonia crescente:

- (26) a. Conduzir nesta estrada é mais perigoso do que conduzir a 180 Km/h na auto-estrada.
 → b. Conduzir nesta estrada é mais perigoso do que conduzir na auto-estrada.

- (27) a. É menos provável que haja um golpe de estado do que haja eleições antecipadas.
 → b. É menos provável que haja um golpe de estado do que haja eleições.

4.3. Hipótese de combinação de valores de monotonia

As inferências apresentadas em (26) e (27) são facilmente explicadas pela hipótese, de Dowty (1994), de que a combinação de operadores com propriedades de monotonia idênticas gera um contexto de monotonia crescente, enquanto a combinação de operadores com propriedades de monotonia diferentes gera um contexto de monotonia decrescente.

De facto, em (26) ocorre um adjetivo que é monótono decrescente – *perigoso* – e o operador comparativo de superioridade, que também é monótono decrescente. Uma vez que os valores de monotonia são idênticos, é gerado um contexto de monotonia crescente.

Do mesmo modo, em (27), os valores de monotonia do adjetivo – *provável* – e do operador comparativo são idênticos – neste caso são ambos monótonos crescentes –, pelo que é gerado um contexto de monotonia crescente.

Se os valores de monotonia do adjetivo e do operador comparativo forem diferentes, isto é, se o operador comparativo de superioridade se combinar com um adjetivo monótono crescente ou se o operador comparativo de inferioridade se combinar com um adjetivo monótono decrescente, prevê-se que seja gerado um contexto de monotonia decrescente, uma previsão que parece confirmar-se. Ou seja, se em (27), por exemplo, o operador comparativo for substituído pelo de superioridade, o sentido da inferência é invertido, como é indicado em (28):

- (28) a. É mais provável que haja um golpe de estado do que haja eleições antecipadas.
 ← b. É mais provável que haja um golpe de estado do que haja eleições.

No entanto, há outros dados que mostram que o facto de se substituir o operador comparativo de superioridade pelo de inferioridade, ou vice-versa, não altera o tipo de monotonia. É o que mostram inferências como (29) e (30):

- (29) a. Ele está mais interessado em entrar para a faculdade do que em conseguir emprego.
 → b. Ele está mais interessado em entrar para a faculdade do que em conseguir emprego perto de casa.
 (30) a. Ele está menos interessado em entrar para a faculdade do que em conseguir emprego.
 → b. Ele está menos interessado em entrar para a faculdade do que em conseguir emprego perto de casa.

A diferença entre estes casos, por um lado, e (26)-(28), por outro, é que em construções como (29) e (30), tem-se em conta a posição de predicado da oração relativa de grau, enquanto em construções como (26)-(28) tem-se em conta a posição de sujeito desta oração.

Ou seja, os dados mostram que a posição de sujeito da oração relativa de grau é um contexto de monotonia crescente ou decrescente, dependendo (pelo menos) das propriedades de monotonia do adjectivo e das do operador comparativo, mas a posição de predicado é um contexto de monotonia decrescente, independentemente dessas propriedades.

Assim, o tipo de monotonia que se observa na posição de predicado da oração relativa de grau, quer em construções comparativas de superioridade quer em construções comparativas de inferioridade, não é explicável pela hipótese de combinação de valores de monotonia, embora esta hipótese permita explicar os dados de monotonia relativos à posição de sujeito. Quanto à hipótese do grau máximo ou da quantificação universal sobre graus, dão conta do facto de o predicado ser um contexto de monotonia decrescente, mas não explicam a possibilidade de o sujeito ser um contexto com a monotonia inversa.

4.4. Hipótese de negação na oração relativa de grau

Os dados de monotonia em construções comparativas no âmbito do grau dos adjectivos são explicáveis pela hipótese apresentada em Marques (2002) de que o significado da oração relativa de grau envolve a computação de um operador de negação.

A hipótese de que há negação em construções comparativas não é nova, tendo sido defendida por Seuren (1973). De acordo com este autor, o significado de (31) corresponde, *grosso modo*, a (32):

- (31) O Paulo é mais alto do que a Ana.
 (32) $\exists g [[\text{o Paulo é } g\text{-alto}] \wedge \neg [a \text{ Ana é } g\text{-alta}]]$

No que respeita a questões de monotonia, a proposta de Seuren tem os mesmos problemas que as hipóteses do grau máximo ou da quantificação universal sobre graus. Ou seja, leva à previsão de que o sujeito e o predicado da oração relativa de grau ocorrem num contexto de monotonia decrescente, que, de acordo com a proposta de Seuren, será gerado pela negação.

No entanto, a análise que defendo não é idêntica à deste autor, embora assumo igualmente que a semântica de construções comparativas envolve negação. Concretamente, de acordo com a proposta que advogo, a semântica de construções comparativas envolve a computação de um operador de negação em posição pré-verbal no constituinte de grau relativizado e a duplicação da condição de superioridade ou inferioridade. Isto é, uma construção comparativa como (33) será parafraseável por (34a), equivalente a (34b):

- (33) O Paulo é mais alto do que os irmãos dele.
 (34) a. O Paulo é mais alto do que um grau g e qualquer dos irmãos dele não é mais alto do que g .
 b. O Paulo é mais alto do que o grau máximo de altura que qualquer dos irmãos dele tem.

De forma análoga, considerando agora construções comparativas de inferioridade, o significado de (35) é descrito por (36):

- (35) A Ana está menos entusiasmada do que os colegas dela.

- (36) A Ana está menos entusiasmada do que um grau g e os colegas dela não estão menos entusiasmados do que g .

Uma vez que a negação é uma função monótona decrescente, a hipótese leva à previsão de que o predicado da oração relativa, que está sob o escopo da negação, seja um contexto de monotonia decrescente, o que parece confirmar-se por dados como (37) e (38):

- (37) a. Ele está mais interessado em entrar para a faculdade do que em conseguir emprego.
 → b. Ele está mais interessado em entrar para a faculdade do que em conseguir emprego perto de casa.
- (38) a. Ele está menos interessado em entrar para a faculdade do que em conseguir emprego.
 → b. Ele está menos interessado em entrar para a faculdade do que em conseguir emprego perto de casa.

Por outro lado, o operador de negação não interfere com o tipo de monotonia que se observa na posição de sujeito da oração relativa, dado que não tem escopo sobre essa posição. Será, então, a combinação das propriedades de monotonia do adjetivo e do operador comparativo que determinará o tipo de monotonia que se observa na posição de sujeito.

5. Conclusões

Os dados observados nas secções precedentes permitem tirar as seguintes conclusões:

- há diferenças de monotonia entre construções comparativas no âmbito da quantificação nominal e construções comparativas no âmbito do grau dos adjetivos; concretamente, no primeiro sub-tipo de construção, o sujeito e o predicado da oração relativa de grau ocorrem num contexto de monotonia decrescente em construções comparativas de superioridade e num contexto de monotonia crescente em construções comparativas de inferioridade, enquanto no segundo sub-tipo de construção, a posição de sujeito pode ser um contexto de monotonia crescente ou decrescente, tanto em construções comparativas de superioridade como de inferioridade, mas o predicado ocorre num contexto de monotonia decrescente;
- no que respeita a construções comparativas no âmbito da quantificação nominal de contagem, os dados relativos a monotonia podem ser explicados pela hipótese de que há quantificadores comparativos – sendo o quantificador comparativo de superioridade monótono decrescente e o de inferioridade monótono crescente –, como argumenta Smessaert (1996) ou Hendriks (1995);
- no que respeita a construções comparativas no âmbito do grau dos adjetivos, os dados relativos a monotonia são problemáticos para a generalidade das análises semânticas apresentadas na literatura, uma vez que estas levam à previsão de que o constituinte de grau relativizado seja um contexto de monotonia decrescente em todas as construções

comparativas, pelo que não dão conta da possibilidade de a posição de sujeito ser um contexto de monotonia crescente;

- o tipo de monotonia que se observa na posição de sujeito da oração relativa de grau – em comparativas no âmbito do grau dos adjectivos – pode ser explicado pela combinação das propriedades de monotonia do operador comparativo e do adjectivo; quanto à posição de predicado, o facto de ser um contexto de monotonia decrescente, independentemente das propriedades de monotonia do adjectivo e do operador comparativo, é facilmente explicado pela hipótese de que é computado um operador de negação em posição pré-verbal.

Assim, por um lado, os dados relativos a monotonia em construções comparativas fornecem um argumento para sustentar uma análise diferenciada de construções comparativas no âmbito da quantificação nominal e construções comparativas no âmbito do grau dos adjectivos. Por outro lado, no que respeita a este último sub-tipo de construção, fornecem também um argumento para uma análise que passe pela consideração de que o significado do constituinte de grau relativizado envolve a computação de um operador de negação em posição pré-verbal. A computação desse operador, em construções comparativas de superioridade e de inferioridade, explica o facto de o predicado ser um contexto de monotonia decrescente e de o sujeito, que não está sob o escopo da negação, poder ser um contexto de monotonia crescente ou decrescente (dependendo de factores exteriores ao constituinte de grau relativizado, como as propriedades de monotonia do operador comparativo e do adjectivo).

Referências

- Cresswell, M. J. (1976) *The Semantics of Degree*. In *Montague Grammar*. Nova Iorque: Academic Press, pp. 261-292.
- Donati, Caterina (1997) Comparative clauses as free relatives: A raising analysis. *Probus* 9, pp. 145-166.
- Dowty, David (1994) *Does Negative Polarity / Concord Marking Serve as an Explicit Indicator for Downward-Monotone Inference in Natural Logic?* Ms.
- Hendriks, Petra (1995) *Comparatives and Categorical Grammar*. Dissertação de doutoramento, Univ. Groningen.
- Hoeksema, Jack (1983) Negative Polarity and the Comparative. *Natural Language and Linguistic Theory* 1, pp. 403-434.
- Kennedy, Christopher (1997) *Projecting the Adjective: The Syntax and Semantics of Gradability and Comparison*. Dissertação de doutoramento. Univ. Santa Cruz.
- Ladusaw, William (1979) *Polarity Sensitivity as Inherent Scope Relations*. Dissertação de doutoramento, Austin, Univ. Texas.
- Lerner, Jean-Yves e Manfred Pinkal (1992) Comparatives and Nested Quantification. *Proceedings of the 8th Amsterdam Colloquium*. Amesterdão: ILLC, pp. 329-345.
- Lerner, Jean-Yves & Manfred Pinkal (1995) Comparative Ellipsis and Variable Binding. In *Proceedings from Semantics and Linguistic Theory V*. Nova Iorque: Cornell University, pp. 222-236.

- Marques, Rui (2002) Construções de grau e intervalos. In *Actas do XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 487-500.
- Nerbonne, John (1995) Nominal Comparatives and Generalized Quantifiers. *Journal of Logic, Language and Information* 4.4, pp. 301-315.
- Peres, J. Andrade (1992) Questões de Referência Nominal. *Cadernos de Semântica* 1. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Schwarzschild, Roger & Karina Wilkinson (2002) Quantifiers in Comparatives: A Semantics of Degree Based on Intervals. *Natural Language Semantics* 10.1, pp. 1-41.
- Seuren, Pieter (1973) The Comparative. In *Generative Grammar in Europe*, Dordrecht: Reidel, pp. 528-564.
- Smessaert, Hans (1996) Monotonicity Properties of Comparative Determiners. *Linguistics and Philosophy*, 19.3, pp. 295-336.
- von Stechow, Arnim (1984) Comparing Semantic Theories of Comparison. *Journal of Semantics* 3, pp.1-77.